UNE ✦ SACRA

Esoterismo

Estâncias de Dzyan

(A Doutrina Secreta)

✦ ✦ ✦

H. P. Blavatsky

Tradução (edição 1.1)

Créditos

Autor	H. P. Blavatsky
Data	1888 (A Doutrina Secreta)
Idioma original	Inglês
Versão	Tradução (edição 1.1)
Tradução	Tradução popular, a partir do texto inglês de H. P. Blavatsky
Fonte	Internet Sacred Text Archive (via Wayback Machine) — H. P. Blavatsky, The Secret Doctrine, 1888 (vol. 1, p. 27–34; vol. 2, p. 15–21)
Licença	CC BY-NC-SA 4.0 · original: Domínio público

Sobre:

As Estâncias de Dzyan são os versos que abrem os dois volumes de A Doutrina Secreta (1888), a obra principal de Helena Petrovna Blavatsky (1831–1891), fundadora da Sociedade Teosófica.

Blavatsky afirmava tê-las traduzido de um livro antiquíssimo e secreto, o Livro de Dzyan, escrito numa língua sagrada desconhecida e guardado por mestres no Tibete; nenhum manuscrito dele jamais foi visto, e os estudiosos as consideram uma composição da própria autora, que mistura termos sânscritos, tibetanos e chineses.

A primeira série, a Cosmogênese, tem sete estâncias e descreve o despertar do universo depois da "noite" cósmica: a Mãe eterna adormecida, o raio que fecunda o ovo do mundo, o filho luminoso, Fohat, a força que ordena os átomos e constrói as rodas dos mundos, e a centelha de vida que desce pelas pedras, plantas e animais até o homem.

A segunda série, a Antropogênese, tem doze estâncias com 49 versos e conta a origem da humanidade em raças sucessivas, até um grande dilúvio que engole sete ilhas.

As Estâncias influenciaram muito o esoterismo moderno, a Nova Era e a literatura fantástica. Aqui estão só os versos das estâncias, na ordem do livro, sem os longos comentários de Blavatsky, as epígrafes e as notas.

No livro elas são impressas em maiúsculas; aqui ficam em caixa normal. O texto é apresentado como documento histórico do esoterismo.

Fonte: https://www.sacred-texts.com/the/sd/index.htm

Esta tradução popular e o desenho deste arquivo são da Une Sacra, sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 (CC BY-NC-SA 4.0): pode copiar e compartilhar citando "Une Sacra (unesacra.com)", sem uso comercial e com a mesma licença. O texto original segue a licença da fonte. Termos de uso: unesacra.com/#/legal/terms

Edição digital gerada em 26 de novembro de 2026 pela Une Sacra, biblioteca aberta de textos sagrados. · UneSacra.com

Sumário

Cosmogênese — Estância I

Cosmogênese — Estância II

Cosmogênese — Estância III

Cosmogênese — Estância IV

Cosmogênese — Estância V

Cosmogênese — Estância VI

Cosmogênese — Estância VII

Antropogênese — Estância I

Antropogênese — Estância II

Antropogênese — Estância III

Antropogênese — Estância IV

Antropogênese — Estância V

Antropogênese — Estância VI

Antropogênese — Estância VII

Antropogênese — Estância VIII

Antropogênese — Estância IX

Antropogênese — Estância X

Antropogênese — Estância XI

Antropogênese — Estância XII

COSMOGÊNESE — ESTÂNCIA I

✦

1 A Mãe Eterna, envolta nos seus mantos sempre invisíveis, tinha adormecido mais uma vez por sete eternidades.

2 O Tempo não era, pois jazia adormecido no seio infinito da duração.

3 A Mente Universal não era, pois não havia Ah-hi para contê-la.

4 Os sete caminhos para a bem-aventurança não eram. As grandes causas da miséria não eram, pois não havia ninguém para produzi-las e se prender nelas.

5 Só a escuridão enchia o todo sem limites, pois pai, mãe e filho eram mais uma vez um, e o filho ainda não tinha despertado para a nova roda e para a sua peregrinação nela.

6 Os sete senhores sublimes e as sete verdades tinham deixado de ser, e o universo, o filho da necessidade, estava imerso em Paranishpanna, para ser exalado por aquilo que é e, porém, não é. Nada era.

7 As causas da existência tinham sido abolidas; o visível que foi e o invisível que é repousavam no eterno não-ser — o único ser.

8 Só a forma única da existência se estendia sem limites, infinita, sem causa, num sono sem sonhos; e a vida pulsava inconsciente no espaço universal, por toda aquela onipresença que é sentida pelo olho aberto do Dangma.

[9] Mas onde estava o Dangma quando o Alaya do universo estava em Paramartha e a Grande Roda era Anupadaka?

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

COSMOGÊNESE — ESTÂNCIA II

✦

1 . . . Onde estavam os construtores, os filhos luminosos da aurora Manvantárica? . . . Na escuridão desconhecida, no seu Ah-hi Paranishpanna. Os produtores da forma a partir da não-forma — a raiz do mundo —, a Devamatri e Svabhavat, repousavam na bem-aventurança do não-ser.

2 . . . Onde estava o silêncio? Onde os ouvidos para senti-lo? Não, não havia nem silêncio nem som; nada senão o incessante sopro eterno, que não conhece a si mesmo.

3 A hora ainda não tinha soado; o raio ainda não tinha brilhado no germe; a Matripadma ainda não tinha inchado.

4 O coração dela ainda não se tinha aberto para que o raio único entrasse, para dali cair, como três em quatro, no regaço de Maya.

5 Os sete filhos ainda não tinham nascido da teia de luz. Só a escuridão era Pai-Mãe, Svabhavat; e Svabhavat estava na escuridão.

6 Estes dois são o germe, e o germe é um. O universo ainda estava oculto no pensamento divino e no seio divino. . . .

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

COSMOGÊNESE — ESTÂNCIA III

✦

1 . . . A última vibração da sétima eternidade freme pelo infinito. A mãe incha, expandindo-se de dentro para fora, como o botão do lótus.

2 A vibração se propaga, tocando com a sua asa veloz o universo inteiro e o germe que habita na escuridão: a escuridão que sopra sobre as águas adormecidas da vida. . .

3 A escuridão irradia luz, e a luz deixa cair um raio solitário no Abismo-Mãe. O raio atravessa o ovo virgem; o raio faz o ovo eterno fremir e deixar cair o germe não eterno, que se condensa no ovo do mundo.

4 Então os três caem nos quatro. A essência radiante se torna sete por dentro, sete por fora. O ovo luminoso, que em si mesmo é três, coalha e se espalha em coágulos brancos como leite por toda a profundidade da mãe, a raiz que cresce nas profundezas do oceano da vida.

5 A raiz permanece, a luz permanece, os coágulos permanecem, e ainda assim Oeaohoo é um.

6 A raiz da vida estava em cada gota do oceano da imortalidade, e o oceano era luz radiante, que era fogo, e calor, e movimento. A escuridão desapareceu e não existiu mais; sumiu na sua própria essência, o corpo de fogo e água, ou pai e mãe.

7 Eis, ó Lanu! A criança radiante dos dois, a glória refulgente sem igual: o espaço luminoso, filho do espaço escuro, que surge das profundezas das grandes águas escuras.

7.2 É Oeaohoo, o mais jovem, o * * * Ele brilha como o filho; é o resplandecente Dragão divino da Sabedoria; o um é quatro, e o quatro toma para si o três, e a união produz o Sapta, no qual estão os sete que se tornam o Tridasa (ou as hostes e as multidões). Contempla-o levantando o véu e desdobrando-o do oriente ao ocidente.

7.3 Ele fecha o que está em cima e deixa o que está embaixo para ser visto como a grande ilusão. Marca os lugares para os resplandecentes e transforma o que está em cima num mar de fogo sem margens, e o um manifestado nas grandes águas.

8 Onde estava o germe e onde estava agora a escuridão? Onde está o espírito da chama que arde na tua lâmpada, ó Lanu? O germe é aquilo, e aquilo é luz, o filho branco e brilhante do pai escuro e oculto.

9 A luz é chama fria, e a chama é fogo, e o fogo produz calor, que dá água: a Água da Vida na grande mãe.

10 Pai-Mãe tecem uma teia cuja ponta de cima está presa ao espírito — a luz da escuridão única — e a de baixo à sua ponta sombria, a matéria; e esta teia é o universo, tecido das duas substâncias feitas uma, que é Svabhavat.

11 Ela se expande quando o sopro do fogo está sobre ela; ela se contrai quando o sopro da mãe a toca. Então os filhos se separam e se espalham, para voltar ao seio da sua mãe no fim do Grande Dia e se tornar de novo um com ela; quando ela esfria, torna-se radiante, e os filhos se expandem e se contraem por meio dos seus próprios eus e corações; eles abraçam o infinito.

12 Então Svabhavat envia Fohat para endurecer os átomos. Cada um é uma parte da teia. Refletindo o "Senhor que existe por si mesmo" como um espelho, cada um se torna por sua vez um mundo.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

COSMOGÊNESE — ESTÂNCIA IV

✦

1 . . . Escutai, ó filhos da terra, os vossos instrutores — os filhos do fogo. Aprendei: não há nem primeiro nem último, pois tudo é um: o número saiu do não-número.

2 Aprendei o que nós, que descendemos dos sete primordiais, nós, que nascemos da chama primordial, aprendemos dos nossos pais. . . .

3 Do resplendor da luz — o raio da Sempre-Escuridão — brotaram no espaço as energias redespertadas; o um do ovo, o seis e o cinco. Depois o três, o um, o quatro, o um, o cinco — o duas vezes sete, a soma total. E estes são as essências, as chamas, os elementos, os construtores, os números, o Arupa, o Rupa e a força do Homem Divino — a soma total. E do Homem Divino emanaram as formas, as centelhas, os animais sagrados e os mensageiros dos pais sagrados dentro do Santo Quatro.

4 Este era o exército da voz — a mãe divina dos sete. As centelhas dos sete estão sujeitas ao primeiro, ao segundo, ao terceiro, ao quarto, ao quinto, ao sexto e ao sétimo dos sete, e são seus servos. Estas "centelhas" se chamam esferas, triângulos, cubos, linhas e modeladores; pois assim está o eterno Nidana — o Oeaohoo, que é:

5 "Escuridão", o sem limites, ou o não-número, Adi-Nidana Svabhavat: I. O Adi-Sanat, o número, pois ele é um. II. A voz do senhor Svabhavat, os números, pois ele é um e nove. III. O "Quadrado Sem Forma". E estes três,

encerrados dentro do ○, são o quatro sagrado; e os dez são o universo Arupa. Depois vêm os "filhos", os sete combatentes, o um, o oitavo deixado de fora, e o seu sopro, que é o fazedor da luz.

6 Depois os segundos sete, que são os Lipika, produzidos pelos três. O filho rejeitado é um. Os "Filhos-Sóis" são incontáveis.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

COSMOGÊNESE — ESTÂNCIA V

✦

1 Os sete primordiais, os primeiros sete sopros do Dragão da Sabedoria, produzem por sua vez, dos seus santos sopros que giram em círculo, o turbilhão de fogo.

2 Fazem dele o mensageiro da sua vontade. O Dzyu se torna Fohat; o veloz filho dos filhos divinos, cujos filhos são os Lipika, faz recados circulares. Fohat é o corcel, e o pensamento é o cavaleiro. Ele passa como um relâmpago pelas nuvens de fogo; dá três, e cinco, e sete passos pelas sete regiões de cima e pelas sete de baixo. Ergue a voz, chama as inumeráveis centelhas e as une.

3 Ele é o seu espírito guia e chefe. Quando começa a obra, separa as centelhas do reino inferior que flutuam e fremem de alegria nas suas moradas radiantes, e forma com elas os germes das rodas. Coloca-os nas seis direções do espaço, e um no meio — a roda central.

4 Fohat traça linhas espirais para unir a sexta à sétima — a coroa; um exército dos Filhos da Luz está em cada ângulo, e os Lipika na roda do meio dizem: isto é bom, o primeiro mundo divino está pronto, o primeiro é agora o segundo. Então o "Arupa divino" se reflete no Chhaya Loka, a primeira veste do Anupadaka.

5 Fohat dá cinco passos e constrói uma roda alada em cada canto do quadrado, para os quatro santos e os seus exércitos.

[6] Os Lipika circunscrevem o triângulo, o primeiro; o cubo, o segundo; e o pentáculo dentro do ovo. É o anel chamado "Não Passes" para os que descem e sobem. Também para os que, durante o Kalpa, avançam rumo ao Grande Dia "Sê Conosco". Assim foram formados o Rupa e o Arupa: de uma luz, sete luzes; de cada uma das sete, sete vezes sete luzes. As rodas vigiam o anel. . . . .

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

COSMOGÊNESE — ESTÂNCIA VI

✦

1 Pelo poder da Mãe da Misericórdia e do Conhecimento — Kwan-Yin —, a "tríplice" de Kwan-Shai-Yin, que reside em Kwan-Yin-Tien, Fohat, o sopro da sua progênie, o filho dos filhos, tendo chamado do abismo inferior a forma ilusória de Sien-Tchang e os sete elementos:

2 O veloz e radiante produz os sete centros Laya, contra os quais ninguém prevalecerá até o Grande Dia "Sê-Conosco", e assenta o universo sobre estes fundamentos eternos, cercando Tsien-Tchan com os germes elementares.

3 Dos sete — primeiro um manifestado, seis ocultos; dois manifestados, cinco ocultos; três manifestados, quatro ocultos; quatro produzidos, três escondidos; quatro e um Tsan revelados, dois e meio ocultos; seis a serem manifestados, um posto de lado. Por fim, sete pequenas rodas girando; uma dando à luz a outra.

4 Ele as constrói à semelhança de rodas mais antigas, colocando-as sobre os centros imperecíveis. Como Fohat as constrói? Ele recolhe o pó de fogo. Faz bolas de fogo, corre através delas e ao redor delas, infundindo-lhes vida, depois as põe em movimento; umas para um lado, outras para o outro. Estão frias, ele as aquece. Estão secas, ele as umedece. Brilham, ele as abana e esfria. Assim age Fohat de um crepúsculo ao outro, durante sete eternidades.

5 Na quarta, os filhos recebem ordem de criar as suas imagens. Um terço se recusa — dois obedecem. A maldição é pronunciada; eles nascerão na quarta, sofrerão e causarão sofrimento; esta é a primeira guerra.

6 As rodas mais antigas giraram para baixo e para cima. . . . A desova da mãe encheu o todo. Houve batalhas travadas entre os criadores e os destruidores, e batalhas travadas pelo espaço; a semente aparecendo e reaparecendo continuamente.

7 Faze os teus cálculos, Lanu, se quiseres saber a idade certa da tua pequena roda. O seu quarto raio é a nossa mãe. Alcança o quarto "fruto" do quarto caminho do conhecimento que leva ao Nirvana, e compreenderás, pois verás . . . . .

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

COSMOGÊNESE — ESTÂNCIA VII

✦

1 Eis o começo da vida senciente sem forma. Primeiro o divino, o um do Espírito-Mãe; depois o espiritual; os três do um, os quatro do um, e os cinco, dos quais os três, os cinco e os sete. Estes são os triplos, os quádruplos, para baixo; os filhos "nascidos da mente" do Primeiro Senhor; os sete resplandecentes. São eles que são tu, eu, ele, ó Lanu. Eles, que velam por ti e pela tua mãe terra.

2 O raio único multiplica os raios menores. A vida precede a forma, e a vida sobrevive ao último átomo da forma. Através dos incontáveis raios segue o raio da vida, o único, como um fio através de muitas joias.

3 Quando o um se torna dois, o tríplice aparece, e os três são um; e é o nosso fio, ó Lanu, o coração da planta-homem chamada Saptasarma.

4 É a raiz que nunca morre; a chama de três línguas dos quatro pavios. Os pavios são as centelhas que tiram da chama de três línguas lançada pelos sete — a sua chama — os raios e centelhas de uma lua refletida nas ondas correntes de todos os rios da terra.

5 A centelha pende da chama pelo fio mais fino de Fohat. Ela viaja pelos sete mundos de Maya. Para no primeiro e é um metal e uma pedra; passa ao segundo e eis — uma planta; a planta gira por sete mudanças e se torna um animal sagrado. Dos atributos combinados destes é formado Manu, o pensador. Quem o forma? As sete vidas e a vida única. Quem o completa? O Lha quíntuplo. E quem aperfeiçoa o último corpo? Peixe, pecado e Soma. . . .

6 Desde o primogênito, o fio entre o Vigilante Silencioso e a sua sombra se torna mais forte e radiante a cada mudança. A luz do sol da manhã mudou-se em glória do meio-dia. . . . .

7 Esta é a tua roda presente, disse a chama à centelha. Tu és eu mesma, a minha imagem e a minha sombra. Eu me vesti de ti, e tu és o meu Vahan até o dia "Sê Conosco", quando te tornarás de novo eu mesma e os outros, tu mesma e eu. Então os construtores, tendo vestido a sua primeira roupa, descem sobre a terra radiante e reinam sobre os homens — que são eles mesmos. . . .

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

ANTROPOGÊNESE — ESTÂNCIA I

✦

1 O Lha que gira a quarta está subordinado ao Lha dos sete, os que giram conduzindo os seus carros ao redor do seu senhor, o Olho Único. O seu sopro deu vida aos sete; deu vida à primeira.

2 Disse a terra: — "Senhor da Face Resplandecente; a minha casa está vazia . . . . Envia os teus filhos para povoar esta roda. Enviaste os teus sete filhos ao Senhor da Sabedoria. Sete vezes ele te vê mais perto de si, sete vezes mais ele te sente. Proibiste os teus servos, os pequenos anéis, de apanhar a tua luz e o teu calor, de interceptar a tua grande generosidade na sua passagem. Envia agora o mesmo à tua serva."

3 Disse o "Senhor da Face Resplandecente": — "Eu te enviarei um fogo quando a tua obra começar. Ergue a tua voz para outros Lokas; pede ao teu pai, o Senhor do Lótus, os seus filhos . . . . O teu povo estará sob o domínio dos pais. Os teus homens serão mortais. Os homens do Senhor da Sabedoria, não os filhos lunares, são imortais. Cessa as tuas queixas. As tuas sete peles ainda estão sobre ti . . . . Não estás pronta. Os teus homens não estão prontos."

4 Depois de grandes dores, ela despiu as suas três velhas peles e vestiu as suas sete novas, e ficou de pé na primeira delas.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

ANTROPOGÊNESE — ESTÂNCIA II

✦

5 A roda girou por mais trinta Crores. Construiu Rupas: pedras moles que endureceram; plantas duras que amoleceram. O visível a partir do invisível, insetos e pequenas vidas. Ela os sacudia das costas sempre que invadiam a mãe. . . . . Depois de trinta Crores, ela se virou. Deitou-se de costas; de lado . . . Não quis chamar nenhum filho do céu, não quis pedir nenhum Filho da Sabedoria. Criou do seu próprio seio. Fez surgir homens-da-água, terríveis e maus.

6 Os homens-da-água, terríveis e maus, ela mesma os criou dos restos de outros; da escória e do lodo da sua primeira, segunda e terceira, ela os formou. Os Dhyani vieram e olharam — os Dhyani do brilhante Pai-Mãe; das regiões brancas eles vieram, das moradas dos mortais imortais.

7 Ficaram descontentes. A nossa carne não está ali. Não há Rupas adequados para os nossos irmãos da quinta. Não há moradas para as vidas. Águas puras, não turvas, eles devem beber. Vamos secá-las.

8 Vieram as chamas. Os fogos com as centelhas; os fogos da noite e os fogos do dia. Secaram as águas escuras e turvas. Com o seu calor as extinguiram. Vieram os Lhas do alto, os Lhamayin de baixo. Mataram as formas que tinham duas e quatro faces. Combateram os homens-bode, os homens de cabeça de cão e os homens com corpo de peixe.

9 A Mãe-Água, o grande mar, chorou. Ela se levantou e desapareceu na lua que a tinha erguido, que lhe tinha dado à luz.

10 Quando eles foram destruídos, a Mãe-Terra ficou nua. Ela pediu para ser secada.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

ANTROPOGÊNESE — ESTÂNCIA III

✦

11 Veio o Senhor dos Senhores. Do corpo dela separou as águas, e isso foi o céu de cima, o primeiro céu.

12 Os grandes Chohans chamaram os Senhores da Lua, dos corpos aéreos. "Fazei surgir homens, homens da vossa natureza. Dai-lhes as suas formas por dentro. Ela construirá as coberturas por fora. Macho-fêmeas eles serão. Senhores da Chama também . . . ."

13 Foram cada um para a terra que lhe coube: sete deles, cada um para o seu lote. Os Senhores da Chama ficam para trás. Não quiseram ir, não quiseram criar.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

ANTROPOGÊNESE — ESTÂNCIA IV

✦

14 As sete hostes, os "senhores nascidos da vontade", impelidos pelo espírito que dá a vida, separam homens de si mesmos, cada um na sua própria zona.

15 Sete vezes sete sombras de homens futuros nasceram, cada uma da sua própria cor e espécie. Cada uma inferior ao seu pai. Os pais, os sem ossos, não podiam dar vida a seres com ossos. A sua progênie eram Bhuta, sem forma nem mente. Por isso são chamados os Chhaya.

16 Como nascem os Manushya? Os Manus com mente, como são feitos? Os pais chamaram em seu auxílio o seu próprio fogo, que é o fogo que arde na terra. O Espírito da Terra chamou em seu auxílio o fogo solar. Estes três produziram, com os seus esforços unidos, um bom Rupa. Ele podia ficar de pé, andar, correr, deitar-se ou voar. Porém ainda era apenas um Chhaya, uma sombra sem sentido . . . .

17 O sopro precisava de uma forma; os pais a deram. O sopro precisava de um corpo grosseiro; a terra o modelou. O sopro precisava do Espírito da Vida; os Lhas solares o sopraram na sua forma. O sopro precisava de um espelho do seu corpo; "Demos-lhe o nosso", disseram os Dhyanis. O sopro precisava de um veículo dos desejos; "Ele o tem", disse o que drena as águas.

17.2 Mas o sopro precisa de uma mente para abraçar o universo; "Isso não podemos dar", disseram os pais. "Eu nunca a tive", disse o Espírito da Terra. "A forma seria consumida se eu lhe desse a minha", disse o grande fogo . . . .

O homem continuou um Bhuta vazio e sem sentido . . . . Assim os sem ossos deram vida aos que se tornaram homens com ossos na terceira.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

ANTROPOGÊNESE — ESTÂNCIA V

✦

18 Os primeiros foram os Filhos do Yoga. Os seus filhos, as crianças do pai amarelo e da mãe branca.

19 A segunda raça foi o produto de brotamento e expansão, o assexuado a partir do sem sexo — assim foi, ó Lanu, produzida a segunda raça.

20 Os seus pais foram os nascidos de si mesmos. Os nascidos de si mesmos, os Chhaya dos corpos brilhantes dos senhores, os pais, os Filhos do Crepúsculo.

21 Quando a raça envelheceu, as águas velhas se misturaram com as águas mais novas. Quando as suas gotas ficaram turvas, sumiram e desapareceram na nova corrente, na corrente quente da vida. O exterior da primeira se tornou o interior da segunda. A asa velha se tornou a nova sombra, e a sombra da asa.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

ANTROPOGÊNESE — ESTÂNCIA VI

✦

22 Então a segunda fez surgir os nascidos do ovo, a terceira. O suor cresceu, as suas gotas cresceram, e as gotas ficaram duras e redondas. O sol a aqueceu; a lua a esfriou e lhe deu forma; o vento a alimentou até a sua maturidade. O cisne branco da abóbada estrelada cobriu com a sua sombra a grande gota. O ovo da raça futura, o homem-cisne da terceira mais tardia. Primeiro macho-fêmea, depois homem e mulher.

23 Os nascidos de si mesmos foram os Chhayas: as sombras dos corpos dos Filhos do Crepúsculo.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

ANTROPOGÊNESE — ESTÂNCIA VII

✦

24 Os Filhos da Sabedoria, os Filhos da Noite, prontos para renascer, desceram; viram as formas vis da primeira terceira; "Podemos escolher", disseram os senhores, "temos sabedoria." Alguns entraram nos Chhaya. Alguns projetaram a centelha. Alguns adiaram até a quarta. Do seu próprio Rupa encheram o Kama. Os que entraram se tornaram Arhats.

24.2 Os que receberam só uma centelha ficaram desprovidos de conhecimento; a centelha ardia fraca. A terceira ficou sem mente. Os seus Jivas não estavam prontos. Estes foram postos à parte entre os sete. Tornaram-se de cabeça estreita. A terceira estava pronta. "Nestes habitaremos", disseram os Senhores da Chama.

25 Como agiram os Manasa, os Filhos da Sabedoria? Rejeitaram os nascidos de si mesmos. Não estão prontos. Desprezaram os nascidos do suor. Não estão de todo prontos. Não quiseram entrar nos primeiros nascidos do ovo.

26 Quando os nascidos do suor produziram os nascidos do ovo, os duplos e os poderosos, os fortes com ossos, os Senhores da Sabedoria disseram: "Agora criaremos."

27 A terceira raça se tornou o Vahan dos Senhores da Sabedoria. Ela criou "filhos da vontade e do Yoga"; por Kriyasakti ela os criou, os santos pais, antepassados dos Arhats. .

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

ANTROPOGÊNESE — ESTÂNCIA VIII

✦

28 Das gotas de suor; do resíduo da substância; da matéria dos corpos mortos de homens e animais da roda anterior; e do pó descartado foram produzidos os primeiros animais.

29 Animais com ossos, dragões das profundezas e Sarpas voadoras foram acrescentados às coisas rastejantes. Os que rastejam no chão ganharam asas. Os de pescoço longo na água se tornaram os progenitores das aves do céu.

30 Durante a terceira raça, os animais sem ossos cresceram e mudaram: tornaram-se animais com ossos, os seus Chhayas ficaram sólidos.

31 Os animais se separaram primeiro. Começaram a procriar. O homem duplo também se separou. Ele disse: "Façamos como eles; unamo-nos e façamos criaturas." Assim fizeram.

32 E os que não tinham centelha tomaram para si enormes animais fêmeas. Geraram nelas raças mudas. Mudos eram eles mesmos. Mas as suas línguas se soltaram. As línguas da sua progênie continuaram presas. Monstros geraram. Uma raça de monstros tortos, cobertos de pelos vermelhos, andando de quatro. Uma raça muda para manter a vergonha sem ser contada.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

ANTROPOGÊNESE — ESTÂNCIA IX

✦

33 Vendo isso, os Lhas que não tinham construído homens choraram, dizendo:

34 "Os Amanasa profanaram as nossas moradas futuras. Isto é Karma. Habitemos nos outros. Ensinemo-los melhor, para que não aconteça pior. Assim fizeram . . . .

35 Então todos os homens foram dotados de Manas. Viram o pecado dos sem mente.

36 A quarta raça desenvolveu a fala.

37 O um se tornou dois; também todas as coisas vivas e rastejantes que ainda eram uma, peixes-aves gigantes e serpentes com cabeça de concha.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

ANTROPOGÊNESE — ESTÂNCIA X

✦

38 Assim, dois a dois, nas sete zonas, a terceira raça deu à luz os homens da quarta raça; os deuses se tornaram não-deuses; os Sura se tornaram A-sura.

39 A primeira, em cada zona, era cor da lua; a segunda, amarela como o ouro; a terceira, vermelha; a quarta, parda, que se tornou negra com o pecado. Os primeiros sete rebentos humanos eram todos de uma só tez. Os sete seguintes começaram a se misturar.

40 Então a quarta ficou alta de orgulho. Nós somos os reis, foi dito; nós somos os deuses.

41 Tomaram esposas belas de ver. Esposas dos sem mente, dos de cabeça estreita. Geraram monstros. Demônios malvados, machos e fêmeas, também Khado (Dakini), de mente pequena.

42 Construíram templos para o corpo humano. Macho e fêmea adoraram. Então o terceiro olho deixou de agir.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

ANTROPOGÊNESE — ESTÂNCIA XI

✦

43 Construíram cidades enormes. De terras e metais raros construíram, e dos fogos vomitados, da pedra branca das montanhas e da pedra negra, talharam as suas próprias imagens, no seu tamanho e semelhança, e as adoraram.

44 Construíram grandes imagens de nove Yatis de altura, o tamanho dos seus corpos. Fogos interiores tinham destruído a terra dos seus pais. A água ameaçava a quarta.

45 Vieram as primeiras grandes águas. Engoliram as sete grandes ilhas.

46 Todos os santos salvos, os ímpios destruídos. Com eles, a maior parte dos animais enormes, produzidos do suor da terra.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

ANTROPOGÊNESE — ESTÂNCIA XII

✦

47 Poucos homens restaram: alguns amarelos, alguns pardos e negros, e alguns vermelhos restaram. Os cor da lua tinham desaparecido para sempre.

48 A quinta, produzida da santa linhagem, restou; foi governada pelos primeiros reis divinos.

49 . . . . Que desceram de novo, que fizeram a paz com a quinta, que a ensinaram e instruíram. . . . . .

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0